

## COREOGRAFIAS DA CIDADE

*Débora Souto Allemand<sup>1</sup>*

Que mapas são possíveis de traçar no encontro do corpo com a rua? Coreografias podem ser as formas de inscrição da cidade no corpo dos habitantes, podem ser os movimentos de trajetos na cidade, assim como podem ser as diferentes formas das pessoas intervirem na urbe. Essas mudanças coreográficas podem ser voluntárias, como é o caso das intervenções urbanas, que proporcionam ao público casual e distraído novos olhares e significações, ou podem ser involuntárias, movimentos que acontecem cotidianamente no espaço público.

Aqui, as cidades contemporâneas são vistas não só pelo componente estático das edificações, vias e praças, mas também pelas atividades e movimentos que as pessoas produzem. O tema das coreografias sugeriu a possibilidade de compreender as cidades a partir de uma escrita aproximada e sensível, que encontrasse nas entrelinhas e nos entre espaços, potências de criação e de reinvenção da contemporaneidade.

Esta edição buscou olhar para as coreografias da cidade, compreendendo a importância desta temática na relação com as cidades contemporâneas brasileiras, especialmente no momento atual em que o país vive. A união dos corpos na rua têm sido fundamental para repensar as lutas políticas de nosso tempo. Luta esta que não acontece somente através de manifestações organizadas por movimentos sociais, mas que tem sido cotidiana e micropolítica, através das errâncias urbanas ou de intervenções artísticas. Seja individual ou coletivamente, os corpos colocam-se em situações não-cotidianas, ocupando a rua como forma de fazer pensar sobre os espaços de fato públicos.

André Lepecki (2012, p. 49)<sup>2</sup>, tratando da coreografia e da dança como políticas para transformação das cidades, pergunta-se:

Podem a dança e a cidade refazer o espaço de circulação numa coreopolítica que afirme um movimento para uma outra vida, mais alegre, potente, humanizada e menos reprodutora de uma cinética insuportavelmente cansativa, se bem que agitada e com certeza espetacular?

Assim, na edição de inverno da Revista Pixo, há uma busca de possíveis respostas (ou novos questionamentos) para a pergunta de Lepecki, através de abordagens de diversas áreas do conhecimento, já que entre o corpo e a cidade estão as artes, a política, os espaços sociais, os movimentos corporais e políticos, o ambiente, a filosofia, entre outros. Esta edição conta com uma resenha, oito artigos e cinco trabalhos na sessão parede branca.

<sup>1</sup> Professora substituta no curso de Dança-licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Graduada em Dança-licenciatura e em Arquitetura e Urbanismo.

<sup>2</sup> LEPECKI, André. *Coreopolítica e coreopolícia*. In: Revista Ilha. V. 13. N. 1. P. 41-60. Jan/jun 2011 (2012).



Patrimônios, abandonos, a rua e os corpos fazendo pensar sobre o que se constitui no presente, juntando a memória e a ressignificando, pautando o futuro como lugar de experiência do corpo em construção com o espaço. “Uma cartografia do corpo atirado no espaço para que não se observe, mas se absorva a paisagem; que não se contemple, mas se confunda corpo e espaço”<sup>3</sup>. Cidades que se transformam em dança, em palavras, em desenhos, em fotografias ou que significam lutas. É assim que apresentamos nossas cidades de inverno, que se metamorfoseiam em cada diferente estação.

Figura 1 - Fotograma de vídeo.  
Foto: Takeo Ito, 2017.

<sup>3</sup> CLASEN, Carolina; BOTTIGLIERI, Lorenzo. Revista Pixo: n.2 v.1, p. 140. Pelotas, UFPel: 2017.